

IMIGRAÇÃO, FRONTEIRAS CULTURAIS E IDENTIDADES ÉTNICAS: CONCEITOS PARA UM DEBATE INTERDISCIPLINAR

Immigration, Cultural Boundaries, Ethnic Identities: Concept for an Interdisciplinary Dialogue

Ruben Maciel Franklin

Doutor em História Social pela UFF

E-mail: rbnhist@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo se propõe a realizar um debate conceitual acerca da relação entre imigração, fronteiras culturais e identidades étnicas no campo dos estudos migratórios. Para isso, realizamos um diálogo entre autores de várias disciplinas que discutem a construção de identidades sociais. Percebemos que a (e)imigração deve ser estudada a partir da interconexão de diferentes matrizes conceituais, de tal modo que as experiências dos imigrantes possam ser vistas em sua totalidade de aspectos socioeconômicos, históricos e simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: Migrações; Fronteiras Culturais; Identidades Étnicas.

ABSTRACT: This article proposes to conduct a conceptual discussion about the relationship between immigration, cultural boundaries and ethnic identities in the field of the migration studies. We conducted a dialogue between authors from different disciplines who study the construction of social identities. We realize that the (e) immigration processes should be analyzed from the interconnection of different conceptual matrices, so that the experiences of immigrants can be seen in full socio-economic, historical and symbolic aspects.

KEYWORDS: Migrations; Cultural Boundaries; Ethnic Identities.

Considerações iniciais

Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um.¹

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*.²

Nas últimas décadas, os estudos migratórios no Brasil têm atentado para a condição de alteridade experimentada pelos sujeitos que, uma vez na nova sociedade, passam a ser designados como os “imigrantes”. Em potencial, os pesquisadores buscam compreender como os grupos estrangeiros que desembarcaram no país trataram de recriar laços associativos, tendo em vista suas formações socioculturais de origem, e (re)constituir uma rede de relações nas quais procuravam garantir certa margem de segurança em face das imprevisibilidades emergentes na emigração, ou seja, o deslocamento de sua terra natal.

O objetivo central era recolocar o imigrante no centro de um processo que, até então, se dizia desencadeado por fatores socioeconômicos e políticos fora de seu controle. Nessa acepção, análises centradas em trajetórias individuais, histórias de vida e micro narrativas foram adquirindo força, na medida em que se podia alcançar o comportamento coletivo das mais diversas etnias por caminhos ainda não explorados. Devolvia-se, desse modo, o papel ativo para os sujeitos imigrados. Estes, embasados numa série de inter-relações, moviam-se de acordo com vínculos familiares originais e outros construídos quando de seus deslocamentos, aumentando poderes de decisão e escolha quanto aos locais de destino. Desse modo,

atuando no interior de redes de relações pessoais, o emigrante, individualmente ou em um núcleo familiar, passou a ser visto como um agente racional que persegue objetivos e mobiliza recursos relacionais não apenas para escolher destinos, mas também para se inserir no mercado de trabalho na sociedade receptora. Dito em outros termos, o migrante passou a ser visto como agente mobilizador de seu capital social.³

Nesse ínterim, a chegada de milhares de italianos, espanhóis, portugueses, alemães e japoneses ao território brasileiro nos finais do século XIX passou a ser entendida sob um novo

¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: companhia das Letras, 1987, p. 25.

² VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 47.

³ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Redes em Processos Migratórios. In: *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 20, n. 1, p. 207, 2008.

viés. Nos estudos que recaíram sobre a formação de colônias nos cafezais do Oeste Paulista (São Paulo), no interior do Rio de Janeiro e no Sul do país se verificou uma preocupação para com as diferenciações étnicas nos conflitos cotidianos e para com a constituição de diferentes padrões associativos desenvolvidos na nova terra. Concomitante a isso, houve uma guinada de trabalhos em direção à inserção social dos imigrantes em áreas urbanas, o que não figurava entre as prioridades de investigação acadêmica. Diferentes etnias, cuja concentração espacial se deu através da ocupação de determinados setores profissionais citadinos, entraram no mote das investigações: era preciso descortinar o papel exercido pelos diversos grupos migrantes na constituição de atividades laborais e práticas urbanas. Senso assim, as memórias, os processos criminais, os registros de comércio, diários, cartas, entre outras documentações, adquiriram substancial importância no delineamento de questões relativas às opções de trabalho e as formas de sociabilidades erigidas, singularmente, no espaço urbano.

Atentando para essa complexa tarefa de estudar um objeto que se embasa na trajetória de indivíduos em situação de mudanças geográficas, choques culturais e conflitos de identidades, nos colocamos perante o desafio de explorar algumas das principais problemáticas daí decorrentes através da inter-relação de conceitos que, no limite, observamos como sendo uma construção derivada do diálogo entre diferentes perspectivas disciplinares. Tão logo, no presente artigo, não avançaremos sobre um estudo empírico de caso, explorando determinada experiência de um grupo imigrante, mas nos deteremos sobre como a experiência de emigração-imigração em si pode e deve ser antevista, descrita e compreendida a partir de leituras múltiplas, ou seja, de expectativas (ou interrogações conceituais) que apontem para a dinâmica individual e coletiva, voluntarista e determinada, espontânea e organizada, de conflito e coesão, que caracteriza qualquer projeto de imigração.

Sendo assim, optamos por selecionar alguns autores tendo em vista a variação dos mesmos no tocante ao desenvolvimento de ideias centrais no centro dos estudos migratórios, fazendo, com isso, um entrelaçamento (pela controvérsia) de ideias e opiniões. No caso da Sociologia, caminhamos pela noção de “sociedade de emigração-imigração” de Sayad, observando como a alteridade deriva do “não-lugar” a que o sujeito desenraizado passa a ocupar no trânsito entre duas sociedades. Traço este que fundamenta o “estigma”, que, segundo Pierre Bourdieu, concede dentre outras as coisas a possibilidade de defesa e coesão do grupo. Aqui, ligamos os fios que tocam a ideia de “cultura dos imigrantes”, a qual, de acordo com Denys Cuche, traz consigo toda ambivalência da homogeneidade cultural (divisão de grupos) inscrita no processo heterogêneo da (e)imigração. Do viés antropológico, recorreremos ao papel do simbólico na reorientação dos laços familiares e de amigos na assim chamada “sociedade de

destino”, o que nos faz levantar questões sobre a lógica de socialização, manutenção e destruição de *fronteiras culturais* pelas interpretações de Fredrik Barth e Peter Burke. Em constante tensão com tal abordagem está a ideia de negociação de identidade e de estratégia de sobrevivência, sendo estas aplicações mais correntes da agência humana tão bem descritas pelos historiadores do social, tendo como referência E. P. Thompson.

É dessa interação profícua, mas não menos conflitiva, entre abordagens atinentes a diferentes campos do saber que delineamos como o horizonte teórico dos estudos migratórios pode ser explorado de maneira aberta e flexível, como um caminho a ser (re)construído e capaz de colocar em evidência novas problemáticas de pesquisa. Nessa lida, trabalhamos os estudos migratórios pelo viés da interdisciplinaridade, denotando que a pesquisa nesse campo específico deve estar sedimentada não apenas no empréstimo fragmentário de conceitos e/ou métodos de uma área para outra, mas, prioritariamente, num rearranjo mais coletivo de conhecimentos no qual as diferentes perspectivas superem seus limites e possam ser entrecruzadas de modo a engendrar explicações totalizantes, isto é, que atinjam os limites locais e globais que perpassam as contradições de um movimento de (e)imigração.⁴

Cultura, migrações, identidades e fronteiras étnicas: conceitos de ordem interdisciplinar.

Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação de um estilo de vida e uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica uma *adesão* que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais. É evidente que existe uma básica diferença entre uma identidade, socialmente já dada, seja étnica, familiar etc. e uma adquirida em função de uma trajetória com opções e escolhas mais ou menos dramáticas.⁵

Emigrar é uma decisão que compete não somente ao indivíduo isolado, imbuído em suas pretensões ou expectativas, mas antes comporta em si anseios, esperanças, desejos e experiências coletivas ligadas aos vínculos de parentesco e as relações familiares que organizam sua vida socialmente. Sair do lugar antropológico, onde as relações tecidas são conhecidas e existe uma confluência de pessoas que compartilham determinados modos de viver, fazer e pensar, para adentrar em outra sociedade cujos comportamentos e visões do mundo são diferenciados e desconhecidos, é uma escolha que põe os sujeitos em face de realidades distintas, as quais terão que avaliar e sopesar na medida em que lidarão com o choque cultural e a condição nova de ser “outro”, um estrangeiro.

⁴ JAPIASSU, Hilton. *A crise das Ciências Humanas*. São Paulo: Cortez Editora, 2012; MORIN, Edgar. *A Religião dos Saberes – O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

⁵ VELHO, Gilberto. Op. Cit., p. 97.

Compreender as dinâmicas de inserção social, de reagrupamento familiar, as novas formas de trabalho e os meios de sobrevivência deste estrangeiro na nova sociedade em que passa a estar inserido, significa se preocupar mais detidamente com um aspecto muitas vezes silencioso, mais que repercute diretamente na convivência e nas relações sociais que irão se construir a partir de então: o fato de que ao adentrar um espaço alheio o emigrante passa a ser o “imigrante”. Voltado a essa perspectiva, Sayad enveredou pela seguinte advertência: “De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que o designa (...)”.⁶

Tal diferenciação é pertinente, pois, coloca em xeque qualquer interpretação sobre as condições socioeconômicas inerentes à constituição de um processo migratório a partir de questionamentos intrínsecos somente ao local de origem, ou seja, de onde se “produziu” o emigrante. Igualmente, questionam-se as leituras endereçadas, unicamente, as conjunturas da sociedade de destino, a que designa o imigrante. Nessa ótica, tem-se que qualquer estudo que tenha por objetivo investigar as práticas de sociabilidade, os comportamentos díspares dos sujeitos e os mecanismos de perpetuação de um movimento migratório exige que a dupla emigração-imigração seja tomada, como nas palavras de Sayad, enquanto “duas faces de uma mesma realidade”.

Somente explicitando as circunstâncias que deram gênese a emigração em consonância com as particularidades que tornaram a manutenção desta possível durante um determinado período é que podemos avançar na discussão sobre a complexidade cultural que envolve o deslocamento de indivíduos de uma região, localidade ou país em direção a outro. O que pretendemos com isso é evitar certos reducionismos que imperam nos estudos migratórios, os quais diminuem os sujeitos a meros “vetores das estruturas”, hipervalorizando eventuais causas geradoras da corrente emigratória e diminuindo as alternativas e opções dos indivíduos que nesta se insere. Torna-se, nesse aspecto, de crucial importância avaliarmos o contexto comum que permeia os polos emigrar-imigrar, pois:

(...) o que chamamos de *imigração*, e que tratamos em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração*; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal – e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido

⁶ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 16.

como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante.⁷

Portanto, a movimentação dos indivíduos está circunscrita numa trajetória dinâmica e sujeita a constante alteração, de acordo com os contextos que as sociedades de emigração e imigração dialogam, permitindo assim que experiências e territórios sejam compartilhados e se tornem referencial para os imigrantes. Mas se estes continuam a serem chamados pelo nome de imigrante, que nesse caso se refere à alteridade, isto é, ao diferente ou ao estranho, temos que o espaço transitado por aqueles que optam pelo caminho da migração não se configura apenas como físico. Antes “(...) ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc”.⁸

Quando falamos então de deslocamentos e espaços ao pensarmos a emigração-imigração, se torna imprescindível que não vejamos estes apenas como fronteiras geográficas ou recortes demográficos, tão caros as ciências que procuram conhecimento aprofundado sobre a natureza e a população. Isto porque, em nível de estudos migratórios os espaços devem ser pensados enquanto fronteiras culturais e/ou simbólicas, pois as diferenças constitutivas nos modos de apreensão da realidade, de comportamento, de crenças e língua do imigrante ao adentrar a sociedade de imigração competem para fomentar conflitos e alimentar dissensões atinentes as diferentes maneiras de interação, socialização e representação do imigrado na sociedade receptora.

As fronteiras se traduzem não como uma segregação ou separatismo integral do imigrante em relação aos “nativos” do local onde este passa a se estabelecer. Tratam-se antes de apropriações mútuas de espaços e intercâmbio contínuo de práticas e valores nas novas relações sociais criadas entre os imigrantes e a sujeitos que os assim designam. Segue-se que, ao analisar a inserção de imigrantes numa determinada sociedade implica, necessariamente, atentarmos para as múltiplas possibilidades de ocupação socioeconômica e espacial pelas quais os imigrados procurarão dar-se a ver e organizar-se de modo a criarem reconhecimentos e identificações mais favoráveis em face do estigma e da diferenciação que os acompanham tão marcadamente no novo território.

Nesse ponto, particularmente, devemos nos ater a constituição de um grupo étnico que mesmo em situação de interação e trocas culturais reafirma um *lugar próprio* de pertença e visibilidade, demarcador de uma fronteira que funciona como “(...) eterna contradicción de

⁷ Id. Ibidem, p. 14.

⁸ Id. Ibidem, p. 15.

um ser que requiere a los otros, al mismo tiempo que necesita diferenciarse para seguir siendo eso, esencialmente humano”.⁹ O que à primeira vista pode parecer um paradoxo latente ao contato entre grupos com origens distintas, tratando-se aqui dos emigrados e dos indivíduos que compõem a sociedade receptora - onde existe uma interação na proporção que uma distinção é posta em destaque -, se configura mais precisamente em algo relativo aos próprios conflitos que caracterizam a inserção dos sujeitos em novos espaços, resultando em “(...) una traducción cultural, la superación de viejas fronteras sociales y la creación de otras nuevas, em um movimento em que lãs formas de organización social se proyectan sobre el médio y los limites se van modificando”.¹⁰

Dessas assertivas entendemos que a socialização dos imigrantes perpassa demarcações de fronteiras que não são fixas, mas criações simbólicas sensíveis e notadamente suscetíveis de modificação. Tomando as fronteiras culturais por maleáveis e flexíveis, entendemos que as mesmas podem ser expandidas e se adequarem a diferentes contextos de acordo com as maneiras pelas quais os contatos inter-étnicos vão se efetivando. Desse modo, é válido impetrarmos a discussão sobre as identidades étnicas e as transformações destas tecidas no interior das fronteiras que são colocadas.

Ao se organizarem de modo particular e validarem determinadas características comportamentais que embasam um sentimento de pertença coletivo, os grupos étnicos, ainda que em interação e constituindo uma rede de sociabilidades abrangendo uma diversidade de sujeitos, constroem e mantêm critérios de inclusão e exclusão que acarretam numa constante (re)definição de sua identidade social. Tão logo compartilhemos de algumas conclusões de Fredrik Barth acerca da elaboração de categorias étnicas e as relações destas com a mobilidade atinente as fronteiras:

Em primeiro lugar, fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. (...). Em segundo lugar, descobre-se que as relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de importância vital, são mantidas através dessas fronteiras e são frequentemente baseadas precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados. Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. (...) as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos.¹¹

⁹ ARRUDA, Rinaldo; BARBOSA, Cleto; CARDIA, L. M.; DEL RIO, José M. V.; DIAS, Maria Barboda; FUNES, E. A; PAREDES, O; LUCENA, Célia. *História Y Memórias de las Tres Fronteras - Brasil, Perú y Bolivia*. 1. Ed. Cuzco - Peru: Universidad San Antonio Abad de Cuzco/ Alpha Servicios Gráficos, 2009, p. 3.

¹⁰ Id. *Ibidem*, p. 4.

¹¹ BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 188.

Nessas atribuições, se torna plausível descortinarmos os meios pelos quais as identidades dos grupos de emigrantes-imigrantes são construídas como parte de um processo “dicotômico” em que estes passam a estar situados, ou seja, negociando entre solidariedades oriundas do grupo de pertença e as múltiplas interações advindas dos contatos com a sociedade que os recebe.

Fica perceptível que a manutenção das fronteiras étnicas não significa a eliminação da influência mútua ou das trocas culturais, mas, pelo contrário, aparece como caminho necessário a vitalidade do grupo étnico e de sua própria sobrevivência, indicando que “(...) os grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes”.¹² Destarte, a tarefa de analisar a construção da identidade étnica de grupos imigrantes requer de nós - pesquisadores - um aprofundamento sobre toda a rede de organização social destes mesmos grupos, isto em termos de (re)arranjos familiares, atividades de trabalho, vínculos de parentesco, religião e trajetórias individuais, ou seja, atributos que permitem a ressignificação constante dos valores e dos sentidos atribuídos as identificações criadas em torno dos imigrantes e das formas como eles se apropriam destas.

Devemos acrescentar a isso, o fato de que tal organização social pertinente a determinado grupo de imigrantes está sujeita as contínuas reavaliações na medida em que se processam mudanças culturais provenientes dos contatos inter-étnicos. Mesmo demarcada certas diferenças culturais, as quais perpetuam a condição de imigrante dos indivíduos pertencentes ao grupo étnico, as novas sociabilidades engendradas na sociedade em que se inserem e os diferentes contextos que têm que dar respostas alteram constantemente os modos de vida e comportamentos relativos ao grupo, implicando diretamente numa (re)elaboração das suas identidades sociais. Em resumo,

(...) o material humano que é organizado em um grupo étnico não é imutável e, embora os mecanismos sociais (...) tendam a manter dicotomias e fronteiras, elas não implicam que o material humano organizado por eles seja estático: as fronteiras podem persistir apesar do que podemos, metaforicamente, denominar ‘osmose’ das pessoas que as atravessam.¹³

Tendo isso em mente, qualquer abordagem referente ao deslocamento de imigrantes, seu estabelecimento em um ambiente distinto e as transformações culturais daí resultantes não pode deixar de lado os conflitos e embates oriundos das categorizações sociais que

¹² Id. Ibidem, p. 196.

¹³ BARTH, Fredrik. Ibidem, p. 204.

acompanham itinerários individuais e coletivos. Os contatos entre grupos étnicos acionam todo um complexo sistema de representação social, baseado em símbolos, ritos e significados que procuram classificar e determinar o lugar do “outro”, do estrangeiro na sociedade que o “acolhe”. Um lugar que, não obstante, é igualmente reinterpretado pelos imigrados na medida em que compreendem socialmente sua nova condição, concedendo aí novos sentidos as representações existentes em torno de si.

Como as trajetórias dos imigrantes são múltiplas e permeadas por escolhas pessoais que muitas vezes são tomadas em tensão com a organização coletiva que caracteriza o grupo étnico, de onde emergem interesses e afinidades divergentes, as possibilidades para o surgimento de inúmeras identidades de acordo com comportamentos e relações sociais díspares entre os imigrados são circunstancialmente ampliadas.¹⁴ Tal colocação se faz imperativa para evitarmos generalizações e nomenclaturas homogêneas para o grupo étnico, eliminando a visão simplista que o reduz a um corpo orgânico e uniforme, do mesmo modo ampliando e até revirando a concepção de sistema de representação social referido acima. Este não mais funciona como cum *dome* abarcando um mecanismo fixo e já previamente definido de símbolos classificatórios, mas designando meios pelos quais as identidades são criadas e recriadas com base nas relações concretas e contraditórias experimentadas pelos sujeitos ao adentrarem uma nova sociedade.

Chegamos a um ponto crucial da polêmica suscitada pelo antropólogo Gilberto Velho no que diz respeito às identidades dissonantes verificadas entre aquelas socialmente já estabelecidas pela etnia ou pela família e aquelas resultantes de trajetórias com opções e escolhas particulares. O antropólogo pretendia, com isso, nos esclarecer que os indivíduos não se limitam a corroborarem com as categorizações coletivas que abarcam o grupo étnico do qual fazem parte, pois seu modo de inserção numa sociedade não compartilha apenas dos comportamentos e estilos de vida relativos a sua etnia em especial, mas abrange uma compreensão das diversas *redes de significados* até então desconhecidas com o qual terão que lidar e oferecer respostas.

Por conseguinte, o trânsito dos sujeitos através dessas redes explicaria a diversidade de representações possíveis e as constantes metamorfoses destas. Não implicando, porém, numa perda de referência ou do sentimento de pertença em relação ao grupo em que estão circunscritos, tendo em vista que as teias familiares, religiosas e étnicas ainda apareceriam

¹⁴ VELHO, Gilberto. Op. Cit., p. 31 - 49.

como um referencial de apoio e convergência, com influência direta na construção de sua identidade social.

Torna-se fica impossível investigarmos a entrada de imigrantes e as articulações resultantes do deslocamento que fazem no trajeto emigração-imigração sem que haja uma atenção mais voltada para as questões concernentes à alteridade. Nesta situação, os imigrados são tomados como os desiguais ou dessemelhantes. O que recai na elucidação de rivalidades e disputas no processo de interação entre grupos étnicos, levando-nos a concordar com o sociólogo e antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, quando este diz que o “outro” é sempre “esse difícil”. A dificuldade aí residindo justamente nas acepções identitárias dos grupos étnicos distintos que entram em comunicação, estabelecendo barreiras materiais ou simbólicas que desmistificam, classificam, estigmatizam, incluem e/ou excluem, do mesmo modo demonstrando que estas são criações que devem ser procuradas nas próprias relações traçadas na vida social. Em suma, nas palavras de Brandão:

O universo dos símbolos e dos nomes com que os grupos sociais se definem e definem os outros grupos, depende de como eles pensam as categorias de sujeito-atores que percebem envolvidos nas suas relações de trocas de bens, serviços e de significações.¹⁵

Seguindo as palavras de Brandão, podemos vislumbrar que o choque cultural percebido a partir da inserção dos imigrantes em novos espaços, mesmo que concedendo contornos originais e sem precedentes as fronteiras étnicas, dita continuamente formas de apreensão e classificação que servem para distinguir os grupos. Nesta verificação, ficariam implícitas em certas atuações e comportamentos dos atores envolvidos nas relações inter-étnicas, simbologias que os colocariam dentro de categorias performáticas tecidas e (re)elaboradas na sociedade receptora. Uma forma admissível de chegar aos imigrantes por meio do que Brandão denominou de sujeitos-atores, ou seja, através de um olhar atento as práticas, as condutas e aos seus modos particulares de organização e ação.

Tais características podem ser compreendidas como meios pelos quais os imigrantes se classificam e recebem classificações nas redes de interações quotidianas em uma nova sociedade, de onde, segundo Pierre Bourdieu, advêm lutas simbólicas orientadas por certas propriedades que diferenciam os sujeitos por sinais duradouros (língua, religião, vestimentas) correlativos ao lugar de origem. Por essa via, abre-se o espaço para a construção e afirmação de uma identidade étnica por parte dos imigrados no intuito de serem reconhecidos enquanto

¹⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 28.

diferentes. O que funcionaria como uma estratégia simbólica que buscaria colocá-los em situação mais privilegiada no que diz respeito a sua posição nas categorizações criadas por eles ou para eles impostas. Com efeito,

O que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.¹⁶

A apropriação de um lugar comum pelo grupo étnico cria espaço considerável para (re)avaliação contínua de sua imersão nas relações de forças objetivas que marcam seus novos ambientes de estabelecimento. Neste ponto, seguindo ainda a reflexão de Bourdieu, temos que a elaboração de uma unidade étnica que corporifique o grupo passa também por definição de interesses (materiais e simbólicos) do mesmo em adquirir consistência, visibilidade e legitimidade na sociedade receptora.

Lembramos que a discussão travada até aqui se remete diretamente as transformações culturais ocorridas numa situação de emigração-imigração, as quais influenciam diretamente nos sentidos ligados as identidades étnicas daí decorrentes. Nos termos de Gilberto Velho, compreendemos que o grupo étnico não pode ser visualizado na forma de uma unidade homogênea, pois as trajetórias individuais dos sujeitos que a este se integram possibilitam que novas redes de relações sejam construídas e identidades diferenciadas sejam repensadas, testadas e (re)elaboradas. Ao dizermos que o grupo étnico procura *fazer-se* reconhecer pela unidade não estamos nos referindo a uma homogeneidade possível, mas antes as estratégias desse grupo em se representar de maneira mais coesa em face aos estigmas criados em torno das práticas referentes ao seu lugar de origem.

Logicamente, estratégias desse tipo apenas se abrem à pesquisa voltada aos casos dos imigrantes se considerarmos a proposição de Fredrik Barth a respeito da manutenção/consistência das fronteiras étnicas. São dos conhecimentos e habilidades intrínsecos ao grupo e incorporados aos sujeitos que estes tiram os elementos fundamentais para construir a representação de si em divergência aos estigmas criados pelos grupos que entram em contato. Nas palavras de Bourdieu, duas coisas devem ser levadas em consideração nas lutas simbólicas.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. A Identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O Poder Simbólico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998, p. 113.

(...) as relações de forças objectivas, materiais e simbólicas, e os esquemas práticos (quer dizer, implícitos, confusos, e mais ou menos contraditórios) graças aos quais os agentes classificam os outros agentes e apreciam a sua posição nestas relações objectivas e, simultaneamente, as estratégias simbólicas de apresentação e de representação de si que eles opõem às classificações e às representações (deles próprios) que os outros lhes impõem.¹⁷

Os esquemas práticos, ou seja, internalizados ou incorporados aos indivíduos e caracterizados por serem implícitos aparecem como base para que sejam elaboradas as classificações sociais e as identidades étnicas. Não podemos perder de vista que as contradições que coexistem nesses esquemas indicam que as classificações daí resultantes não são configurações estáticas, mas estão em constantes redefinições de acordo com as novas interações grupais. Deste modo, cabe-nos observar essa análise num contexto de emigração-imigração, quando grupos étnicos entram em contato e passam por um processo até então desconhecido de aprendizagem e trocas (simbólicas), de onde buscarão mapear suas posições e reinterpretarem, estrategicamente, suas representações.

Se coadunamos aqui com uma razão prática, inserida num senso de ação corporificado aos sujeitos, no nosso caso os (e)imigrantes, não validamos uma lógica que esteja circunscrita unicamente ao inconsciente. Fizemos isso para demonstrar que das diferenças culturais resultam trocas e transmissão de experiências (e saberes) que por vezes ultrapassam a racionalidade, uma vez que tratamos dos sentidos implícitos ou performáticos contidos nas identidades étnicas. Em nosso ver, porém, isso apenas fundamenta parte da discussão, pois acreditamos que uma vez inseridos na sociedade de “destino” os imigrantes igualmente tomam conhecimento de suas novas realidades e a (re)avaliam constantemente, procurando negociar suas posições.¹⁸ O que nos dá suporte para falarmos de estratégias também formuladas e desenvolvidas racionalmente - seja de maneira individual seja de maneira coletiva - no interior dos grupos étnicos que, entrelaçados em vários níveis da tessitura social, procuram dar novas dimensões as suas representações e as mobilidades no seio da hierarquia com a qual se embatem.

Bourdieu toma ainda como ponto crucial para análise da constituição das identidades étnicas as lutas simbólicas de classificação referidas ao estigma. Isto encontra ressonância nos estudos sobre imigrantes na medida em que visualizamos maneiras pelas quais os grupos

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. Ibidem, p. 123.

¹⁸ VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008, p. 13 – 40.

étnicos, em transformação ininterrupta, dão-se a ver e impetram uma auto-afirmação legitimadora de sua condição.

Na ocasião, o estigma criado pela sociedade receptora em torno de certas características peculiares dos imigrantes, orientando a criação de estereótipos alimentados pela existência “(...) de propriedades [estigmas ou emblemas] ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos (...)”.¹⁹ Aqui o autor se reporta a língua (sotaque), religião, vestimentas, alimentação ou outras “marcas” que são postas como elementos diferenciadores e depreciativos quando se designa os estrangeiros, diminuindo-os ou conformando-os a uma “cultura” naturalizada e homogeneizada.

De outro modo, o estigma resultante desses reconhecimentos erigidos do e no choque cultural, estabelecidos nos cruzamentos das fronteiras étnicas e meio (possível) de manutenção das relações hierárquicas da sociedade que recebe os imigrantes, é o próprio instrumento apropriado e ressignificado por estes na redefinição de suas posições e na legitimação de sua(s) identidade(s). Isto equivale a dizer que o horizonte de análise deve abranger como os imigrados se vêm dentro do estigma, percorrendo aí as formas como se articulam e se agrupam em sua organização social e por quais vias, dentro das relações materiais e simbólicas, se valem deste para reivindicarem suas diferenças como uma estratégia de fortalecimento em sua inserção socioeconômica. Deixemos que Pierre Bourdieu fale a respeito:

Abolir o estigma realmente (e não magicamente, quer dizer, por uma simples inversão simbólica dos sinais de distinção que pode levar até uma redefinição dos limites no interior dos quais a legitimidade da identidade assim definida se acha garantida) implicaria que se destruíssem os próprios fundamentos do jogo que, ao produzir o estigma, gera a procura de uma reabilitação baseada na autoafirmação exclusiva que está na própria origem do estigma, e que se façam desaparecer os mecanismos por meio dos quais se exerce a dominação simbólica e, ao mesmo tempo, os fundamentos subjectivos e objectivos da reivindicação da diferença por ela gerados.²⁰

Habilidade em (re)elaborar os sentidos pertinentes ao estigma, tornando-o referencial para vínculos e interações recíprocas coletivas ativadas em um espaço que somente aos poucos se vai conhecendo. Os imigrantes, dessa forma, (penso aqui me atendo as concepções de Bourdieu e Gilberto Velho) atuam tanto em ações simbólicas e internalizadas de reconhecimento de si quanto em ações ditas estratégicas de domínio dos significados sociais

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 113.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 127.

ligados as suas identidades. Nesse ínterim, não apagar o estigma significa manter expressa a vivacidade do grupo étnico, as trocas e relações mútuas internas que favorecem seus integrantes, não condizendo, porém com uma aceitação passiva da simbologia contida nos traços ressaltados pelo estigma.

O que existe muitas vezes são práticas implícitas ou podemos dizer marginais de reapropriação coletiva desses traços, momento em que os imigrantes oferecem resistências e mobilizam forças para deslocarem o valor impresso e expresso ao estigma – “que tem em vista não a supressão das características estigmatizadas mas a destruição da tábua de valores que as constitui como estigmas – que procura impor (...), pelo menos uma inversão dos sinais (...)”.²¹

Notamos que o lugar do estigma, ou seja, das diferenças culturais requer uma atenção especial dos pesquisadores que almejam compreender os modos de inserção de imigrantes na sociedade receptora (de imigração). Levando em consideração que o lugar de origem dos sujeitos perpetua traços e dita reajustamentos organizativos que influenciarão diretamente em suas dinâmicas identitárias, o estigma passa a ser um ponto de aproximação que se pretende “manipular” com vistas a autoafirmação do grupo étnico e mesmo a manutenção de suas fronteiras. O que Jeffrey Lesser denominou de negociação de identidade, isto é, articulações entre os imigrantes na busca de uma posição mais privilegiada na hierarquia social a partir de investimentos simbólicos que diluam o caráter depreciativo de suas identidades, concedendo a estas, sentidos mais aceitos e valorizados.²²

Podemos observar traços dessa negociação nos casos de imigração urbana no Brasil do final do século XIX e início do XX, ou seja, daqueles grupos étnicos que se estabelecendo nas áreas de comércio procuravam se orientar tendo como ponto de partida a posição de seu grupo étnico. Os casos das colônias de sírio-libaneses, portugueses, italianos, entre outros, no tocante a esse aspecto, foram em alguma medida similares. Quando o imigrante montava um negócio próprio, os preceitos de diferenciação concebidos na *cultura de emigração-imigração* eram, então, aquecidos. É claro que, nesse momento, se tornava crucial pôr em cena toda uma série de interações por ele tramada na nova sociedade, tornando a abertura de loja ou a filiação em uma sociedade uma opção mais ou menos segura dentro da rede de patrícios já negociantes nesta cidade. Estabelecendo-se na proximidade de muitos patrícios, os imigrados visualizavam, antes de qualquer competição ou concorrência direta, atenuar ou assegurar a maneira pela qual

²¹ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 124 e 125.

²² LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

trabalhavam na cidade. Para tal, era preciso fazer valer, em seu favor, todo tipo de afinidades e facilidades possíveis no local, condimentando os elementos simbólicos que alimentavam a constituição e o entendimento acerca da colônia.

É sólido denotar que uma “colônia”, (re)elaborada no movimento migratório, se apresentava continuamente sob novas feições e performances de acordo com a dinâmica com que os imigrantes se dirigiam para e se apropriavam do espaço urbano. A constante reestruturação da mesma, por sua vez, alterava e redirecionava o horizonte de expectativas dos imigrados, de acordo com as oportunidades de trabalho que daí emergiam. A socialização se fazia pelo encaminhamento dos imigrados às atividades de comércio, por onde os sujeitos organizavam suas vidas e davam sentido à emigração, tratando de negociações empreendidas e compartilhadas na colônia e dando conta da nova realidade.

Todos esses laços associativos, comprometidos e dialogados no interior da etnia, nos permitem falar da existência, em potencial, de um “comércio étnico” em pleno funcionamento e expansão desde os primeiros anos do século XX, sobretudo, no Centro-Sul do país. Os grupos imigrados, comunicando-se e planejando-se na etnia, construíram uma verdadeira rede comercial com base no apoio mútuo e na cooperação. Só assim, puderam se movimentar por entre a cultura urbana local e, de certa forma, melhor enfrentar a condição de estrangeiros e “desenraizados”, na medida em que as operações individuais e coletivas tramadas no comércio entre conterrâneos forneciam, por assim dizer, sua passagem de *outsider* para um estabelecido,²³ isto é, envolvido com práticas e negócios decisivos e operantes na tradução do projeto de emigração pela colônia.

O termo “comércio étnico”, aqui trabalhado, se remete ao estudo etnológico da antropóloga Laura G. Gomes acerca das apropriações de imigrantes no *quartier* parisiense denominado Belleville, conhecido aglomerado industrial e comercial (pequeno comércio). A autora, enfatizando o papel do comércio na socialização dos recém-chegados, no sentido de obtenção de empregos e vantagens pesadas junto aos conterrâneos, afirma que:

É através do ‘comércio étnico’ que os imigrantes podem atualizar suas práticas culturais de origem, fundi-las com elementos de seu novo cotidiano e com os demais sistemas culturais, étnicos e religiosos existentes, permitindo assim uma socialização menos dolorosa, com menos perdas afetivas.²⁴

²³ ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. 1ª ed. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

²⁴ GOMES, Laura Graziela. “Comércio Étnico” em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 01., nº 29, p. 196, 2002.

A experiência de imigração, respaldada no e pelo comércio, adquire significado justamente nas possibilidades de emprego e socialização encontradas pelo imigrante, uma vez que este passa a ser instruído no interior de um circuito social-étnico mais seguro e dinâmico. A instituição de uma colônia, formulada nos termos da *cultura de emigração-imigração*, trabalhava, assim, como uma espécie de treinamento dos recém-chegados, ensinando-os a moverem-se com base nos mecanismos que norteavam o viver urbano, isto é, de forma mais adequada e “conveniente” aos padrões concebidos no interior da etnia, atuando mesmo na opção comum ao grupo de enveredar pelo comércio.

O historiador inglês Peter Burke, ao analisar os movimentos migratórios na Europa moderna, ressaltou a importância das novas vertentes investigativas da antropologia urbana inerentes aos deslocamentos populacionais em massa para as urbes. Ao fazer isso, o autor lançou prerrogativas que dialogam perfeitamente em nossa discussão sobre a negociação da identidade étnica, na medida em que:

Os antropólogos urbanos de hoje, (...) chamam a atenção para a forma como o recém-chegado da província é ajudado a adaptar-se à cidade por parentes e amigos da sua terra que já aí se encontram instalados, com quem, ou perto de quem, tende a viver, reconstruindo assim a terra natal em solo estrangeiro.²⁵

Porquanto,

Um problema fundamental que se depara a quem emigra para a cidade era, e é, encontrar trabalho, também neste capítulo parentes e amigos podem constituir uma ajuda preciosa, e por isso os imigrantes originários de certas regiões tendem a concentrar-se não só em certas ruas, como em certas profissões.²⁶

Ainda nos trâmites dessa análise e para deixarmos claro o que foi tratado até o momento acerca das distintas realidades que os imigrantes têm que lidar ao optar pela corrente migratória, resultando em mobilidades de fronteiras étnicas e trocas culturais constantes, vale esboçar um pouco da abordagem trabalhada por Denys Cucche sobre a “cultura dos imigrantes”.

Para este, o que se chama “cultura dos imigrantes” se constitui numa série de caracterizações folclóricas e exóticas criadas e reafirmadas pelo conjunto da sociedade que os recebe, no sentido de depreciá-los e mantê-los em condição inferiorizada. Tal perspectiva vê a cultura como uma série de aspectos provenientes do lugar de origem dos sujeitos, os quais se

²⁵ BURKE, Peter. História urbana e antropologia urbana na Europa moderna. In: *O mundo como teatro. Estudos de Antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992, p. 73

²⁶ Id. *Ibidem.*, p. 76.

caracterizam por serem imutáveis e fragmentários. Nesse âmbito, as identidades dos imigrantes seriam estabelecidas por critérios pré-concebidos, isto é, através de idéias, crenças e valores trazidos pelos indivíduos, sendo aí “(...) uma cultura reificada, uma espécie de dado preexistente a qualquer forma de relação social. (...) onde, “O indivíduo não poderia escapar à sua cultura [de origem] (...)”, logo (...) seria inteiramente determinado por sua cultura [de origem]”.²⁷ Com esse teor, Cuche demonstra o porquê da “cultura” dos imigrantes ser vista como “expatriada”, empobrecida e deslocada.

Após fazer estas considerações, Cuche diz que uma cultura vista dessa forma é permeada por fragmentos pelos quais os imigrantes se agrupam e visualizam uma coesão e um reforço na solidariedade do grupo. É certo que isto dialoga com o sentimento de pertença e a manutenção das fronteiras étnicas mesmo em casos de contatos inter-étnicos a que já nos referimos. Mas, por outro lado, é importante considerarmos as explicações desse autor referente à noção de cultura dinâmica em um contexto (e)imigratório para abriremos as possibilidades de compreensão desse conceito a partir da mobilidade e transformação social. Seguindo o pensamento de Cuche:

Os imigrantes fazem uma resistência cultural na medida de suas possibilidades. No entanto, queiram ou não, seu sistema cultural evolui. Mesmo quando eles se consideram totalmente fieis a sua tradição, mudanças são produzidas nas suas referências culturais. É impossível que eles se mantenham completamente impermeáveis à influência cultural da sociedade que os cerca. Quanto mais longa for sua estada nesta sociedade, mas decisiva será a sua influência. As culturas dos imigrantes não podem ser confundidas de maneira redutora com suas culturas de origem. São culturas vivas e dinâmicas que animam os grupos imigrantes, compostos de várias gerações.²⁸

Temos, então, embasamento para melhor compreendermos as mudanças nas visões de mundo e nos modos de viver que permeiam os sujeitos inseridos no processo emigração-imigração. Não compartilhamos com a ideia geral de Cuche quanto a existência de um sistema cultural em evolução, pois não tomamos as trocas culturais e a transmissão de experiências sociais como sujeitas a uma interpretação que trate a cultura como “sistema evolutivo”. Pelo contrário, as leituras entrecruzadas até aqui as noções de fronteiras e identidades nos mostram que tanto os imigrados quanto aqueles com que entram em contato atuam em contínuas redefinições da realidade, negociando posições, interesses e necessidades recíprocos. Sendo assim, arguimos que é na própria experimentação de relações originais e contraditórias que os imigrantes se apropriam de novas práticas e as ressignificam,

²⁷ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 228.

²⁸ CUCHE, Denys. *Ibidem*, p. 232.

interferindo aí na construção e (re)elaboração de suas identidades étnicas de acordo com as conjunturas que passam a enfrentar.

Estudar um processo migratório concernente aos deslocamentos de imigrantes e aos choques culturais observados na sociedade receptora (de “destino”) exige-nos igualmente uma volta aos estudos de E. P. Thompson sobre a cultura popular, quando o historiador entende esta como uma “arena de elementos conflitivos”. Concepção que dialoga com Raymond Williams, quando este ao definir cultura, nega ser apenas um emaranhado de idaias, valores e crenças incrustadas no imaginário, explicitando-a como um processo constitutivo de vida social, em constata mobilidade e variação de acordo com novos elementos e circunstâncias em que os sujeitos têm que aprender e dar respostas, ou até mesmo oferecer resistências e criar estratégias de ação.²⁹

Colocando a cultura (dos imigrantes) nesses termos, avançamos no entendimento da interação entre grupos étnicos e do local das fronteiras criadas continuamente por estes, retirando algumas conclusões que nos dão embasamento para discutirmos as maneiras pelas quais as identidades étnicas são atribuídas, vividas individual e coletivamente, assim como reinterpretadas de acordo com diferentes contextos históricos experimentados nas próprias relações materiais e simbólicas dos sujeitos.

Considerações finais

Os estudos migratórios têm se abastecido, nos últimos anos, de uma gama de possibilidades interpretativas advindas da Sociologia, Antropologia Urbana, História Cultural, Social e da Micro-História. Essas incursões trouxeram para o campo afinidades conceituais ligadas a noção de cadeias e redes migratórias, onde homens e mulheres imigrantes reaparecem como sujeitos racionais, capazes de tomar decisão e fazer escolhas de acordo com os liames sociais e históricos em que estão inseridos. A guinada em direção ao micro, ou seja, as narrativas de trajetórias individuais assumiram importância na medida em que revelavam todo um tecido social mais amplo e permeado por ambiguidades nos quais os indivíduos se organizavam e procuravam planejar suas vidas.

Portanto, nas referências que até aqui trouxemos para elucidarmos questões envolvendo mudanças culturais numa situação de (e)imigração e as influências denotadas na elaboração das identidades étnicas, fica plausível ver que é no trato empírico e na percepção

²⁹ Para maior aprofundamento ver: THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

de uma cultura ligada a processos de transmissão de experiências e saberes em contínua redefinição, por onde o pesquisador deve procurar caminhar ao recair sobre os estudos migratórios. Sabendo ainda que, nos impasses levantados na condução da pesquisa, essas abordagens podem tomar novos rumos e explicações diferenciadas das que tenho mostrado podem vir à tona, o que apenas confirmaria a dinamicidade da cultura e as possibilidades (imprevisíveis) de ação e interação dos imigrados em uma nova realidade. É válido complementarmos o que foi dito até o momento com uma pequena citação de Cuche referente aos contatos culturais dos imigrantes:

Por seu aspecto construído a partir de materiais heterogêneos e de origens diversas, estas culturas são autênticas criações, na medida em que o empréstimo não existe sem reinterpretação, isto é, a reinvenção, para poder ser inserido em um novo conjunto.³⁰

Nessa via, desviaremos qualquer traço, comportamento ou identidade dos imigrantes como que ligados a uma herança proveniente do seu lugar de origem e que permaneceria imóvel ou impermeável. Logo, em se tratando de estudos migratórios, as trajetórias individuais e coletivas, as escolhas diferenciadas, as divergências internas aos grupos étnicos, as ligações familiares e ocupações desiguais na hierarquia social são de particular importância para compreendermos as nuances de formação de identidade e as relações destas com a vida social material dos sujeitos. Temas estes caros a diferentes disciplinas e que, como vimos, podem ser mais bem desnudados quando vistos em conjunto, num diálogo conflitivo que recupera todo o potencial dos condicionantes socioeconômicos e as ambivalências culturais presentes no duplo trânsito da emigração-imigração.

³⁰ CUCHE, Denys. Op. Cit., p. 233.